

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

PROPRIETARIO E DIRECTOR

LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Michel'angelo Lambertini

29, Rua das Gaveas, 31

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Martucci — Hero e Leandro — Concertos — Theatro de S. Carlos — Manoel Tavares — Notas vagas — Noticiario — Necrologia.

MARTUCCI

E' este actualmente um dos maiores mestres da arte classica italiana. Pianista como Sgambatti, as obras symphonicas e de camara que ambos tem produzido são ouvidas com grande apreço em todos os centros artisticos da Europa.

Giuseppe Martucci nasceu em Capua a 6 de janeiro de 1856; estudou os elementos de piano com seu pae e em 1867 foi admittido no conservatorio de Napoles, onde teve por mestres Benjamin Cesi (piano), Carlo Costa (harmonia) Paolo Ser-rao e Lauro Rossi (contraponto).

Em 1874, contando por conseguinte apenas dezoito annos de idade, ganhou por concurso o logar de professor no proprio estabelecimento onde tinha sido alumno. Ao mesmo tempo foi nomeado director da Sociedade do Quartetto Napolitano e dos concertos symphonicos instituidos pela liberalidade do principe d'Ar-dore.

Em 1875 emprehendeu a carreira de concertista, percorrendo triumphantemente as principaes cidades de Italia, Alemanha, França e Inglaterra. Desde 1886 que occupa o logar de director do Lyceu Musical de

Bolonha, um dos mais serios estabelecimentos que no seu genero existem em Italia.

A sua obra mais importante é uma *Sym-phonía* (em re), que, executada primeiro em Italia, foi depois ouvida em Leipzig e Berlim, sob a direcção de Nikisch. Apareceu em 1895 e ficou desde logo classificada obra extremamente notavel, marcando época na historia musical da Italia contemporanea.

E' tambem muito importante e estimado um *Concerto* para piano e orchestra, assim como um *Trio* e um *Quin-tetto*, premiados em concurso pela Sociedade de Quar-retto de Milão. Além d'estas composições principaes, tem escripto diversas *So-natas* para violino e piano, outras para violoncello e piano, outras para orgão, quartettos e musica vocal de camara.

Entre as suas obras para piano só, que são muito numerosas, citam-se por mais conhecidas as *Peças no es-*

tylo antigo, Thema com variações, Movimento perpetuo, Tempo de minuete, Capri-cho e Serenata.

Ha pouco tempo publicou o editor Breitkopf uma optima redução para piano, feita por Martucci, das *Suites* para orchestra de Sebastião Bach.



HERO E LEANDRO

Hero, sacerdotisa do templo de Venus, immortalizada por uma legenda grega, tinha

nascido em Sestos, cidade situada nas praias europeias do Hellesponto, limite sul da Thracia, antigo paiz ao norte da Grecia, modernamente correspondente á Bulgaria e Roumelia. Em frente, na margem asiatica, estava situada Abydos, cidade notavel e famosa não só pela aventura de Hero e Leandro. mas também pela ponte de barcos que Xerxes fez lançar sobre o mar, 480 annos antes da era de Christo. As duas cidades defrontavam-se no sitio em que o Hellesponto, estreitando-se, forma o que hoje se chama o estreito dos Dardanellos.

Vejamus agora o que a legenda grega nos diz: Leandro. que era d'Abydos, viu em Sestos a bella sacerdotisa por occasião d'uma festa consagrada a Venus. Enamorado-se d'ella e conseguiu ser correspondido. Para poder encontrar-se com Hero, atravessava de noite o Hellesponto a nado, servindo lhe de guia na arriscada travessia um facho que a sua amante accendia no alto d'uma torre. Num periodo de tempestades esteve Leandro seis dias sem poder ir ao encontro da sua amante. Ao septimo dia não hesitou em lançar-se ás ondas revoltas. Extenuado, vencido na tremenda lucta contra as vagas, pereceu, e o seu corpo foi arrojado pelo mar á praia de Sestos. Hero, não podendo sobreviver ao seu amante, deitou-se ao mar.

Esta legenda grega, que nenhum dos historiadores antigos poz em duvida, foi pela primeira vez cantada em verso por Mouseion, auctor do encantador poema *Amores de Hero e Leandro*, poeta grego que viveu numa epoca incerta, mas em todo o caso posterior á era christã. M. Heinrich, um dos mais recentes e engenhosos interpretes d'este poema, apresenta argumentos que, com uma tal ou qual verosimilhança, fazem crer que Mouseion viveu no periodo que vae do II ao V seculo da nossa era.

Eis os poemas, revestidos de musica, a que a legenda grega tem dado logar.

Em 5 de maio de 1750 foi pela primeira vez cantada na Opera de Paris uma tragedia lirica em um prologo e cinco actos, intitulada *Leandro e Hero*, palavras de Lefranc de Pompignan e musica de Brassac. Os nomes do poeta e do musico, que pertenciam á nobreza franceza, asseguraram a esta obra um successo d'algumas representações.

Ero e Leandro, opera italiana, musica de Paer, representada em Napoles em 1795.

Ero e Leandro, opera italiana, musica de Raimondi, representada em Genova, cerca de 1809.

Ero e Leandro, scena lirica polaca, musica de Kurpinski, representada em Varsovia em 1816.

Ero e Leandro, libretto de Boito, musica de G. Bottesini, representada no theatro real de Turim em 11 de janeiro de 1879. Foi cantada por Barbacini, Roveri e a sr.^a Bruschi-Chiatti. Obteve grande successo. Foi principalmente applaudida no 3.º acto a scena dramatica, cantada por Ero: *Splendi! erma facella!*

O poema da tragedia lirica em um prologo e tres actos *Hero e Leandro*, que agora vae ser cantada em S. Carlos, foi escripto por Tobia Gorrio (Arrigo Boito). A musica é de Luigi Mancinelli, o muito notavel e distincto mestre, que na presente epoca lirica com tanto applauso tem dirigido a orchestra do theatro de S. Carlos.

Sob a forma de concerto, a primeira audição d'esta opera foi em 8 de outubro de 1896, no festival triennial de Norwich, para o qual tinha sido expressamente composta.

As personagens principaes d'esta tragedia reduzem-se a tres; *Hero*, *Leandro* e *Ariofarne*, archonte-rei da Thracia.

Já agora, para completa elucidación do poema, digamos o que era na Grecia antiga um archonte-rei.

O *archonte* era um magistrado, encarregado das mais altas funções publicas nas cidades da antiga Grecia. Em Athenas, o archontado, estabelecido depois da morte de Codrus, foi a principio hereditario e vitalicio. No anno 752 antes de Christo passou a ser exercido por decennios; 69 annos depois, uma nova revolução alterou aquella lei e os poderes até então confiados a um só archonte foram distribuidos por nove magistrados de nomeação annual. Um d'esses magistrados, *archonte-rei*, exercia as funções religiosas dos antigos reis e julgava os crimes de impiedade e homicidio. O archontado foi abolido 296 annos antes de Christo, na occasião em que Athenas foi tomada por Demetrius I, cognominado *conquistador de cidades*, filho d'Antigona, rei da Macedonia.

No poema da tragedia lirica *Hero e Leandro* o librettista apresenta Ariofarne como archonte-rei da Thracia, onde, como já dissemos, estava situada Sestos. Esta personagem é inventada para dar mais interesse ao poema, alterando porém a legenda grega. O proprio poema reduz-se ao seguinte:

Um prologo, de que a partitura encarrega um contralto, que em duas estancias de magnificos versos vem dizer ao auditorio: *canto la storia di Leandro e d'Ero*.

O primeiro acto, cuja acção se desenvolve no bosque sagrado junto ao templo de Venus, principia por um côro de sacerdotisas e marinheiros, a que se segue a entrada solenne de Ariofarne, precedido da fanfarras-

grada e seguido de Hero, com algumas sacerdotisas, e Leandro vestido á asiatica. E' a celebração do ultimo alvorecer do anno, em que brilha a estrella Venus. Glorifica-se Leandro, heroe da cithara e do gladio, cuja cabeça é adornada pela sacerdotisa Hero com uma corôa de louro. Leandro, seduzido pelos encantos e pela belleza de Hero, entôa um canto ao amôr. No fim d'esse canto convida Ariofarne os profanos a retirarem-se, ordenando ás sacerdotisas, á excepção de Hero, que vão renovar o incenso e a mirra da ara e enfeitar o templo com flores. Uma vez só com Hero, da qual pretende a posse, dá-lhe a escolher entre o amôr e a vingança. Hero recusa o amôr de Ariofarne, e depois que este sae, consulta uma concha que toma como oraculo, a qual lhe prophetiza desgraça. Leandro, ao vir ao encontro de Hero, defronta com Ariofarne, que com malevola intensão perdoa ao heroe o ter entrado no bosque a horas prohibidas, e deixa-o só com a sacerdotisa, a quem Leandro declara o seu ardente amôr. Ouve-se a fanfarra de Ariofarne, mas este já tem vindo antecipadamente esconder-se por traz da estatua de Apollo. Quando termina o dialogo entre os namorados e Leandro se retira, Hero ajoelha perante a estatua d' Apollo e pede ao fatal nume que lhe desvende o futuro do amôr que sente por Leandro. É Ariofarne quem responde com a palavra *morte* e a sacerdotisa foge espavorida.

O segundo acto passa-se numa dependencia do templo de Venus, consagrada aos misterios. Ariofarne, com as vestes do seu alto cargo, está sentado num trôno e rodeado pelos dignitarios pagãos do culto a Venus. Estão presentes Hero e Leandro. O côro entôa canticos em honra da vagabunda estrella Venus. Ariofarne levanta-se no fim do côro para annunciar ao povo de Venus que a deusa falára e exigia que, á maneira dos aureos tempos, uma sacerdotisa fosse desterrada para a *torre da virgem*, isolada nas penedias do Hellesponto, para com os seus suspiros e sorrisos aplacar as furias do mar revolto. A victima escolhida para o sacrificio é Hero. Apesar das ameaças de Ariofarne a sacerdotisa prefere o carcere ao amôr do archonte. Leandro comette o sacrilegio de querer defender Hero, mas é preso e desterrado para a Asia, com prohibição formal de atravessar o Hellesponto, sob pena de morte. O acto termina pela expulsão de Leandro, pelo juramento que Hero é forçada a fazer de se conservar celestialmente pura e pela narrativa, feita por Ariofarne, do castigo que espera a sacerdotisa se um homem profanar a *torre da virgem*.

As peripecias tragicas do terceiro acto desenrolam-se no interior da *torre da virgem*, ao qual dá ingresso uma rampa. Ouve-se um côro de marinheiros. Hero tira do seio uma flôr de loureiro-rosa, *Nerium oleander*, que Leandro lhe havia dado quando d'ella se despediu no primeiro acto, com o fim de que Hero se recordasse do nome d'elle. Ouvem-se vozes a annunciar o accaso da lua, a subida da maré e os prenuncios de tempestade. A sacerdotisa medita, delira, imaginando ver Leandro deitar-se ao mar para ir ter com ella. Mas não; não é delirio; é uma realidade. Hero vê Leandro aportar á penedia que cerca a torre e aconselha-o a que se acautele para não cair nos precipicios. Leandro entra na torre e os dois amantes abraçam-se num terno amplexo. Mas tamanha felicidade dura pouco. Desencadeia-se uma tempestade e Hero não se lembra de a annunciar com a trombeta. Ouvem-se os primeiros sons d'um côro e da fanfarra de Ariofarne. Leandro, para não ser surpreendido, foge, mas o seu corpo é despedaçado contra os rochedos. Ariofarne reconhece que a virgem foi perjura. Um raio produz a derrocada d'um dos pannonos da torre. A' claridade dos relampagos Ariofarne e Hero descobrem o cadaver ensanguentado de Leandro. Hero cae morta e Ariofarne blasphema por não poder vingar-se, fazendo enterrar vivo o corpo da sacrilega.

ESTEVES LISBOA.

CONCERTOS

O ultimo dos concertos organizados por Alexandre Rey Colaço e Andrés Goñi teve lugar na tarde de 2, como estava annuciado.

Sem deixarmos de constatar, como toda a gente, que a execução d'este concerto foi muito mais cuidada que a dos anteriores, temos de confirmar o que no ultimo numero dissemos a proposito de tão distincto grupo.

Não entrando na apreciação de cada uma das individualidades que o compõem, o que nos levaria demasiado longe, basta reflectir um momento na feição particular do talento de Colaço, Goñi e Palmeiro, as tres figuras primaciaes do grupo, para comprehender que não é com alguns dias de trabalho que tão oppostos elementos poderão conseguir a unidade e homogeneidade de interpretação, que se requer na

musica de camara e que constitue um dos seus melhores encantos.

E no emtanto, como já aqui temos dito cem vezes, cada uma d'aquellas figuras representa um formoso e robustissimo talento!

De tão, accentuada dissemilhança no modo de ser de cada um dos interpretes, não podia deixar de resaltar frouxidão e desigualdade, como de facto se notou no *Trio* de Beethoven e na *Sonata* de Rubinstein que constituíam as duas primeiras partes do programma.

Merece no emtanto especial menção o *Scherzo* d'esta ultima obra, admiravelmente traduzido, bem como o *Quintetto da Truta* que mereceu os sinceros applausos de toda a gente e que foi tão bem executado como no primeiro concerto, ou talvez ainda melhor.

*

O 2.^a concerto da *Academia de Amadores* teve logar na sexta feira 7

A peça capital do programma era a primeira symphonia de Beethoven, que a orchestra, luctando com serias difficuldades e entre ellas a falta de primeiros violinos (apenas seis!), diligenciou traduzir em todos os seus promenores — um esforço de boa vontade que tem direito a toda a nossa gratidão.

Das outras peças d'orchestra, *Ouverture du Capitaine Fracasse* de Pessard, *Serenade* de Saint Saëns, *Marche* de Joachim e *Ouverture de Cleopatra* de Mancinelli, especialisamos com muito gosto esta ultima, que foi executada com muita verve e precisão e magistralmente conduzida pelo maestro Andrés Goñi.

Uma amadora que tem feito ultimamente enormes progressos, D. Hermelinda Cordeiro, deliciou-nos com alguns numeros de canto, a aria do *Sanson et Dalila*, a *Chanson slave* de Chaminade, a *Sainte Marie* de Faure e *J'en mourrais* de Tosti.

Uma outra amadora, e essa ouviamol-a pela primeira vez, executou algumas peças de harpa, que foram longamente applaudidas. Chama-se a gentil harpista, D. Beatriz da Fonseca Pinheiro: além d'uma primorosa technica, agilidade sufficientemente exacta, notavel facilidade nos harmonicos e outros dotes que não se encontram a cada passo nas nossas harpistas, tem a sympathica debutante uma qualidade que para nós sobreleva a todas — uma grande paixão em tudo o que toca e uma grande sinceridade n'essa paixão.

Não gostamos do som, que ás vezes é duro, quasi rouco; mas suppomos que o

deffeito virá do proprio instrumento, cujo valor nos pareceu bastante contestavel, e que a joven concertista fará bem em substituir, se quizer apresentar-se em publico com todas as vantagens que os seus brilhantes recursos artisticos lhe podem gran-gear.

E já nos esquecíamos de citar o maestro Sarti, que acompanhou ao piano a sua illustre discipula, Mad.^{elle} Cordeiro, como só elle o sabe fazer.

*

Além dos seis concertos de assignatura do theatro de S. Carlos, temos no horisonte uma estreia, que se realisarà talvez na noite de 24, no Salão do Conservatorio. E' a do barytono brasileiro Corbiniano Villaça, que se fará rodear de alguns artistas já conhecidos para fazer a sua apresentação ao publico de Lisboa.

Consta-nos que figurarão entre esses artistas o tenor Clement, o pianista Oscar da Silva e outros musicos de reconhecida competencia.



THEATRO DE S. CARLOS

No dia 3 do corrente reapareceu na *Fedora* a sr.^a Bellencioni, a quem já nas epochas liricas passadas nos temos referido com elogio, considerando a notavel artista como um verdadeiro ornamento da arte dramatica e como uma gloria da scena italiana

Estes apreciaveis dote artisticos não conseguem todavia compensar-nos das deficiencias da sua já muito cançada larynge, que nem sempre permite à intelligente artista defender-se das exigencias que a partitura d'uma opera lhe distribue como cantora.

Nos *Puritanos* tivemos de novo occasião de applaudir o tenor Bonci, que pela primeira vez tinhamos aqui ouvido ha dois annos. Bonci é hoje não só uma celebridade mas uma raridade, porque podemos e devemos consideral'o como representante d'essa antiga escola de canto que alguns afamados mestres dos seculos XVII e XVIII souberam fundar. Não conhecemos outro tenor que pelo timbre da voz, pelo magnifico methodo de canto, pela irreprehensivel afinação e pela facilidade com que sóbe ao *ré-bemol* sobre-agudo, possa cabalmente satisfazer às excepcionaes exigencias da velha partitura de Bellini.

A parte de Elvira dos *Puritanos* foi can-

tada pela *diva* Regina Pacini, com a proficiência e virtuosidade a que a eximia artista deve o ser considerada em toda a parte um soprano ligeiro de correção inexcidível.

Regina e Bonci foram entusiasticamente applaudidos, como era de justiça. O baixo Luppi mereceu o nosso applauso. Pini-Corsi, forçado a desempenhar um papel que não está no seu character, conseguiu ainda assim sustentar-se sem grande prejuizo da opera.

No dia 8 foi cantada a *Sapho* pela sr.^a Bellincioni e pelo tenor Clement. A sr.^a Bellincioni, principalmente no ultimo acto, foi a conscienciosa artista dramatica sempre digna d'applauso. O tenor Clément, com um tal ou qual aspecto tetrico a lembrar-nos o *Werther*, não conseguiu captar as sympathias do auditorio, apesar de ter cantado bem a romanza do primeiro acto. Dos restantes artistas encarregados d'alguns papeis d'importancia nada diremos, para lhes não sermos desagradaveis. A propria orchestra não fez salientar bellezas em que a primorosa instrumentação de Massenet abunda.

Pela retirada do tenor Borgatti teve Zenatello de tomar parte nos ultimos espectaculos do *André Chénier* e dos *Mestres-cantores*. Já dissemos o que pensavamos a respeito d'este artista: bons elementos, que estão a pedir mestre que os saiba aproveitar.

Na noite de 11, terça feira de carnaval, devia ter sido cantada a *Filha do regimento*, em recita avulsa, tendo como principal attractivo a sr.^a Bellincioni. A folia carnavalesca transformou porém a velha, mas sempre bonita opera de Donizetti, num charivari infernal, em que cada um dos professores da orchestra, secundando o truanesco folgar d'alguns espectadores, tocava *ad libitum* aquillo de que se lembrava, para o que já na noite de segunda feira tinham principiado a ensaiar-se na *Bohème*. Procurarão remir os seus peccados durante a quaresma.

14 de fevereiro.

ESTEVES LISBOA.



NOTAS VAGAS

Cartas a uma senhora

XXXIV

De Lisboa.

Estamos na Quaresma, e indo principiar a penitencia, cá vamos fazel-a, — em tudo e por tudo...

Não imagina, querida amiga, como *isto* por aqui vae, destrambelhado e turvo!

Dizem praguentos que sempre foi assim, mas custa-me a acreditar, a menos que não me provem ser possível, aos povos e aos individuos, seguirem pela vida fóra sem juizo e sem cautella, e não se despenharem por fim na perdição e na ruina...

Já lhe não falo no que fazem e desfazem politicos, por não serem taes coisas proprias para escrever a uma senhora.

Tão pouco a entreterei do que preoccupa no geral as chamadas classes dirigentes, as quaes, mal sabendo de ordinario dirigirem-se ellas proprias, muito menos lograrão jámais dirigir os outros...

Para que, porém, a minha amiga fique formando uma tal ou qual idéa do estado de desordem em que por mal dos nossos peccados nos encontramos todos, dir-lhe hei apenas que dia a dia as preoccupações intellectuaes perdem terreno, e dia a dia os simples impulsos da animalidade bravia e sanguinea mais nos governam e estimulam.

Com raras, embora honestas excepções, aquelles de entre nós que, não vamos tendendo já para selvagens, desandamos em hystericos ou em paranoicos...

O cynismo, de braço dado com a indiferença, olha sobranceiro e mordaz um ou outro caminheiro ingenuo, que crê em principios e sacrifica pela verdade, e quando o não deslombamos com mócadadas, cravejamo-lo de larachas.

Não sabe o que venha a ser laracha? é o *esfregão* da pilheria que já por seu turno vem a ser a rodilha da chalaça ..

Por fim, formando grupo e constituindo galeria, temos os septicos, especie moderna dos degenerados e dos impotentes, em que á ultima hora armámos os que não podemos ser outra coisa...

Advirtirá v. ex.^a que é triste, e tambem assim penso, mas que quer, se nem por isso deixa de ser real?

Lamentará, como alguns lamentam, que a terra de Nun'alvares, o sonho feito carne e feito vida, e de Camões, o poeta transsubstanciado em astro e em palladio, tão baixo vá descendo, que tendo já aluido o seu presente, comprometta o seu futuro e esteja a ponto de mercadejar com o seu passado; como obstar porém que tudo se esborôe e se dissolva se já não sabemos sentir e quasi nunca ninguem nos ensinou a pensar?

Visse por exemplo, a minha amiga, a fôrma selvagem como até a divertir-nos ainda ha tres dias nos manifestámos, e concluiria sem custo que, por um concurso de rasões diversas mas convergentes, nos desviámos do curso normal e da trajectoria propria e

tendo sido creados para lutar, sómente carecemos sempre de quem simultaneamente nos esclareça, — pelo que de ha muito todos seguimos na existencia, á matroca e á mercê, sem ideal e sem cohesão...

Quando alguns dos pretensos homens finos nem sequer conseguem rir, sem desconjunctarem as mandibulas, folgar sem fazerem varias echymoses, impôr, sem demolirem algumas costellas, e por sua vez a multidão estúpida e bruta, ataca em pleno Chiado um pobre missionario vindo de Macau tratando o como até botocudos, lá nos sertões inhospitos, nunca jámais, trataram coisa vivente, e os representantes da auctoridade, nos apparecem mais indisciplinados que a propria horda que devem conter, que espera v. ex.^a, minha senhora, que venha a succeder-nos, tarde ou cedo?

E no emtanto, aqui e além, innumerous nucleos de trabalhadores indefessos e conscienciosos, procuram resgatar-nos a todos d'este labéu de vergonhas que sem cessar alastra!

Ainda hontem, um formoso e lucidissimo espirito o capitão Ayres Ornellas, pagando á memoria do seu amigo Joaquim Mousinho de Albuquerque um levantado tributo de consideração que ao mesmo tempo constituiu um testemunho do valor intellectual e moral de quem o prestava, deixou entrever a quantos tivemos o inestimavel prazer de escutal-o, algumas das superiores e inconfundiveis qualidades d'esta nossa malaventurada raça, que os fados teem abastardado, mas que no fundo se conserva porventura heroica e grande, como em passadas eras!

E, finalmente, por todo esse paiz, no recanto modesto dos seus lares, varios luctadores sinceros e convictos diligenciam pôr o melhor do seu esforço e da sua vontade em de novo nobilitarem as qualidades animicas do povo a que pertencem; mas, porque esses heroes dispersos, esses nucleos perdidos uns aos outros se desconhecem, e ainda nem do conflicto dos factos, nem da collisão das circumstancias, surgiu o fio conductor que a todos os ha de unir para um commum destino, a verdade é que o espectáculo que vamos dando áquelles que nos olhem ou nos estudem, não se me affigura nem dos mais edificantes, nem dos mais saudaveis, nem resumindo, dos mais estheticos...

Ah! minha senhora, se, como desejo crêl-o, todas as quaresmas teem a sua resurreição, nós que duplamente atravessamos a primeira, bem necessitados nos vemos de que não se demore a segunda.»

AFFONSO VARGAS.

GALERIA DOS NOSSOS

Manoel Tavares



Entre as esquisitices e varias d'este abençoado torrão occidental, ha uma que me faz scismar por vezes e que só poderei explicar pela nossa tradicional brandura e pela sordidez com que os dinheiros publicos e particulares se esquivam ás mais insignificantes exigencias da Arte.

Quero fallar da invasão do amator em todos os campos, onde a actividade do profissional deveria ser reclamada.

No concerto, no theatro, na igreja, o amator é sempre preferido, porque... é mais barato.

E na crueza d'este axioma, tão infelizmente diffundido entre nós, vae o préjuizo e o desprestigio d'uma classe inteira de trabalhadores, votada á mais completa obscuridade e ás vezes mesmo aos mais degradantes sacrificios.

Afóra o inopportuno advento do amator, outras causas ha, e fortes, que tendem a amesquinhar o profissional, roubando-lhe essa força de iniciativa que leva aos grandes cometimentos e ás grandes glorias.

Por isso, quando me foi dado vêr um punhado de artistas, de valor incontestavel, emergir da multidão obscura para nos fazer apreciar uma forma quasi nova d'Arte — a musica de camara com instrumentos de sópro — confesso-lhes que me deixei subjugar pela mais legitima das admirações. Subiu de ponto a minha admiração e o meu respeito quando sube que musicos tão valiosos quizeram iniciar uma propaganda d'essa ordem, sem outra mira além do mais levantado amor pela sua querida Arte.

N'essa nobre pleiade, destaca se a figura de Manoel Tavares, que, como mestre e como concertista de trompa, tinha de ha muito o seu logar marcado n'esta nossa galeria.

Como mestre, teve bastas occasiões de evidenciar-se quando dirigia com tanta proficiencia uma das nossas primeiras bandas marciaes. Como tocador, ainda não esqueceu a muitos o commovente phrasear de certos sólos, em que o seu doce instrumento soube arrancar phreneticos e espontaneos bravos...

SCHAUNARD.



NOTICIARIO

Do paiz

Resultado dos exames extraordinarios relaisados na Real Academia de Amadores de Musica, nos dias 30, 31 de janeiro e 1 de fevereiro:

Rudimentos, 1.^a parte.— Approvaçãõ distincta: D. Emilia Adelaide da Cunha Ledo; D. Maria da Piedade Duque; D. Ilda Adelaide da Silva Faria; D. Branca Aurora da Gama Ochôa; D. Eugenia Romana da Gama Ochôa; D. Bertha Cosmelli. Approvaçãõ plena: D. Maria de Brito; Alberto Julio Malbuisson. Approvaçãõ simples: Pedro Joaquim da Costa Ramos.

Rudimentos, 2.^a parte.— Approvaçãõ distincta: D. Albertina Emilia Gonçalves Valença; D. Alda do Patrocinio Gonçalves Valença; D. Maria Isabel Gonçalves Valença; D. Lucinda Laura Tavares Cunha; José Candido dos Santos; Reynaldo dos Santos. Approvaçãõ plena: D. Hedwiges Guimaraes.

Piano, 1.^a parte.— Com distincçãõ: D. Fatima Tamagnini de Sousa Barbosa. Plenamente: D. Ilda Perpetua de Sousa Freitas.

2.^a parte.— Com distincçãõ: D. Olympia Judith Hamard Lopes; D. Alda do Patrocinio Gonçalves Valença; D. Albertina Emilia Gonçalves Valença; D. Judith Leiria; D. Maria Luiza da Matta Cardoso.

3.^a parte.— Com distincçãõ: Hermano de Oliveira Ferreira.

4.^a parte.— Com distincçãõ: D. Aline Neuville.

Apesar da concorrência relativamente pequena que tiveram nos seus concertos, ficaram encantados com o nosso paiz os illustres artistas Marix Loevensohn e Louis Livon e principalmente encantados com o acolhimento enthusiastico que lhes fez a nossa *elite* musical, querendo provar-lhes que as differentes circumstancias que affastaram o grande publico não podiam significar de modo algum nem menos apreço por elles, nem menos acatamento pela Arte.

Sua Magestade a Rainha, que recebeu em audiencia especial os dois notaveis artistas e, a quem Marix Loevensohn dedicou e offereceu um *Poème elegiaque* para violoncello e piano, teve palavras amabilissimas para os illustres estrangeiros, a quem manifestou o sentimento de não ter podido assistir aos concertos, para que tinha sido convidada.

A *Escola de Musica de Camara* offereceu-lhes por occasião do concerto de despedida, duas formosas taças de prata, fabricadas na casa Leitão, com a seguinte legenda:

*A Marix Loevensohn
A Louis Livon*

Souvenir de l'École de Musique de Chambre
28-2-902.

Os motivos ornamentaes d'estes dois artisticos objectos, cuja forma é a da tradicional *taça da amizade*, são respectivamente filiados nos estylos de D. Manuel e de D. João V; esta decoraçãõ essencialmente portugueza contribuiu tambem grandemente para o apreço com que foi acolhida a divina.

Os sympathicos concertistas, no momento da partida de Lisboa, foram contractados para dar dez concertos em differentes cidades hespanholas.

O distincto violinista amator Cecil Mac-kee embarcou no dia 3 no vapor *Augustine* com destino ao Havre.

Irã tambem a Inglaterra, á Allemanha e á Belgica.

Recebemos a visita do barytono brasileiro, sr. Corbiniano Villaça, que conforme annunciamos na respectiva secçãõ se propõe a dar brevemente um concerto no Salão do Conservatorio.

Seja bemvindo.

Por falta de espaço não alludimos no numero anterior ao relatorio annual da *Real Academia dos Amadores de Musica*, que foi ultimamente distribuido aos socios da sympathica instituiçãõ e que se refere á gerencia de 1900-901.

Do Balanço, fechado em 30 de junho do anno passado, vê-se não existir n'aquella epoca a mais pequena divida, e um activo de mais de dois contos de réis, representado pelo valor do mobiliario, instrumentos e musicas, bem como pelas quotas ainda não realizadas.

Um dos factos mais importantes que a Academia registra n'esta gerencia é o offerecimento annual, por parte da casa Hill, de Londres, de um violino de seu fabrico, destinado ao alumno da Academia que mais se distinguir durante o anno.

Por tal facto, julgou a direcçãõ e foi acto de verdadeira justiça offerecer aquella im-

portante casa ingleza o diploma de socia honoraria.

O primeiro violino remettido coube á intelligente e sympathica violinista D. Alice Silva, que merecia por muitos titulos a prioridade em tão valioso premio.

O numero de socios não diminuiu sensivelmente, durante a gerência de que nos estamos occupando, existindo no momento da prestação de contas:

Contribuintes	210
Prestantes	45
Benemeritos	1
Honorarios	8
Correspondentes	104

Nas aulas matricularam-se 195 alumnos e apresentaram-se 108 a exame. D'estes, mais de metade tiveram distincção e louvor, o que, com sinceridade, nos parece algo exagerado.

Termina o relatorio com o parecer do Conselho Fiscal, no qual se louva a Direcção e o maestro André Goñi, bem como os outros professores da Academia e se propõem votos de congratulação pelo importante donativo da casa Hill e pela aquisição da sala do Conservatorio para os concertos da mesma Academia.

Do estrangeiro

De Leipzig (directamente).— Falla-se muito em Leipzig do monumento que n'esta cidade se vae erigir ao grande Wagner. No projecto, que foi approvado, figuram em volta da estatua do reformador da musica lyrica, os principaes personagens das suas obras, Wolfrang d'Eschenbach, Tannhäuser, Brünehilde, Sigfried, Alberich, etc.

— A *Louïze* de Charpentier já fez a sua entrada em Leipzig, sendo acolhida com pouco entusiasmo.

— O grande violoncellista Klengel deu ha pouco um *recital* em que apresentou concertos de Röntgen, Klughardt e Dvorak para violoncello, todos extraordinariamente applaudidos. Brevemente dará outro *recital* com outros tres concertos.

— Optimas noticias de D. Guilhermina Suggia, que faz progressos constantes, Hans Sitt que já teve occasião de a ouvir teclhe os maiores elogios e o proprio Klengel, seu mestre, declarou no Conservatorio, que a nossa illustre compatriota já se podia fazer ouvir no *Gevandhaus*.

— Pelos programmas recebidos, vemos que as principaes obras executadas nas salas de concerto tem sido:

No genero symphonico: — a abertura de Fingalshöle, a symphonia op. 120 de Schu-

mann, outra de Brahms, op. 90, outra de Liszt para o Fausto e a Todtentanz d'este mesmo auctor.

No genero religioso: — a Missa op. 86 de Beethoven, uma Cantata de Bach (Ich hatte viel Bekümmernis) e o admiravel Requiem allemão de Brahms, que no dizer do nosso amavel correspondente teve uma interpretação e um exito perfeitamente á altura d'esta obra colossal.

Na musica de camara: — o Quartetto op. 18 de Beethoven, o de Tschaikowski, que tem o numero 22 na lista das suas obras e um Quintetto de Reuss.

Na musica de virtuosidade: além dos tres concertos executados por Julius Klengel, um de Saint-Saëns tambem para violoncello. um Concerto de piano de Rachmaninoff, a Symphonia concertante de Mozart para violino e viola, etc.

NECROLOGIA

Em 1 d'este mez deixou de existir o professor de harmonia do Conservatorio de Leipzig, Salom Jadassohn, um dos mais conceituados theoreticos da actualidade, de que a *Arte Musical* se occupou largamente no seu numero 53.

Foi o professor do nosso estimado compatriota Joaquim Ferreira da Silva.

Julga-se que a vaga de Jadassohn no Conservatorio será preenchida por Zöllner, o conhecido compositor-operista.

*

Falleceu em Berlim o celebre agente, de concertos, Hermam Wolff.

Era musico e litterato de algum valor, tendo composto alguns *lieder* e collabando em jornaes de musica. Começou a carreira de agente acompanhando Rubinstein nas suas viagens, como secretario-factotum; foi no exercicio d'estas funcções que elle concebeu a idéa de uma agencia que poupasse aos artistas todas as preoccupações materiaes; n'essa agencia hoje solidamente constituida, tudo se regula antecipadamente, inclusivé o serviço dos hotéis, de sorte que o concertista só tem a preoccupar-se com o seu trabalho artistico.

Foi elle quem, de sociedade com Bulow, fundou os grandes concertos philarmónicos de Berlim; por morte de Bulow chamou Nikisch, cuja reputação contribuiu para formar e dirigiu a digressão que a Philarmónica fez ultimamente pela Europa.